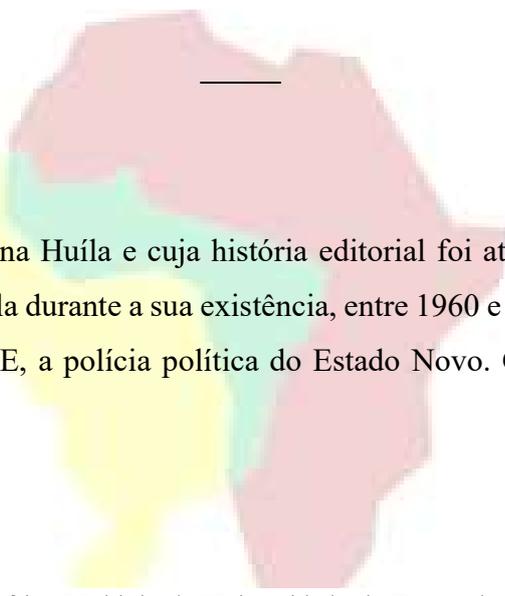


Publicações Imbondeiro: como a editora nasceu, circulou e foi encerrada pela PIDE.

Entrevista a Leonel Cosme.

Noemi Alfieri¹

Resumo: A Imbondeiro, nascida na Huíla e cuja história editorial foi até agora pouco estudada, teve uma grande atividade em Angola durante a sua existência, entre 1960 e 1965. O seu encerramento foi causado pela repressão da PIDE, a polícia política do Estado Novo. Com mais de uma dezena de coleções, e estando formalmente registada como livraria-distribuidora, chegou a ter uma ampla difusão e uma rede de distribuição no continente africano (em Angola, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe), mas também no Brasil e em Portugal. Esta conversa com Leonel Cosme, editor das Publicações Imbondeiro falecido em janeiro de 2021, tem o objetivo de colmatar algumas lacunas sobre a história do projeto, tal como de fornecer informações preciosas sobre a circulação de impressos.



A Imbondeiro, nascida na Huíla e cuja história editorial foi até agora pouco estudada, teve uma grande atividade em Angola durante a sua existência, entre 1960 e 1965. O seu encerramento foi causado pela repressão da PIDE, a polícia política do Estado Novo. Com mais de uma dezena de

¹ Fellow do Cluster of Excellence Africa Multiple da Universidade de Bayreuth (Alemanha) para o ano académico 2022/23, com o projeto "Mapping anti-colonial networks through literature. Transnational connections of African thinkers in the reconfiguration of space and thought (1950s - 70s)". Interessa-se pela circulação de impressos, ideias e dos seus agentes, tal como pela sua recepção. Com o mesmo projeto, ganhou o CEEC Individual da FCT 2021 (Portugal), na categoria Investigador Júnior, com duração de seis anos. A sua investigação foca-se, de momento, em projetos editoriais africanos nas décadas de 50 a 70. Ocupa-se da mobilidade e circulação de pessoas, objetos e das ideias por esses veiculadas através das redes transnacionais estabelecidas na África, na Europa e na América Latina por escritores e intelectuais negritudinistas, Pan-Africanistas ou anti-coloniais, com atenção para a sub-representação da agência feminina nas narrativas históricas e académicas produzidas sobre e nesses ambientes culturais. Bolseira de Pós-Doutoramento do projeto "Afrolab: a construção das literaturas africanas em Portugal. Instituições e Instituições e consagração dentro e fora do Espaço de Língua Portuguesa (1960-2020)" no CLEPUL (FLUL, Universidade de Lisboa). Membro Associado do CREPAL (Sorbonne Nouvelle Université) e Investigadora Colaboradora do CHAM (FCSH-NOVA), onde integra o grupo de investigação Leitura e Formas de Escrita e as linhas de investigação em Estudos Africanos e História das Mulheres e do Género. É membro do grupo Áfricas (UERJ-UFRJ) e da equipe dos projetos AFROLAB e WOMENLIT ? Literatura Feminina: Memórias, Periferias e Resistência no Atlântico Luso-Afro-Brasileiro (CHAM/ NOVA-FCSH, Portugal), financiado pela FCT. Membro da COST Action 18126 - ?Writing Urban Places. New narratives on the European Cities? (UE). Tem doutoramento em Estudos Portugueses, com especialidade em História do Livro e Crítica Textual, pela NOVA-FCSH com a tese: (Re)construir a Identidade através do Conflito: Uma Abordagem às Literaturas Africanas em Língua Portuguesa (1961-74). Esta dissertação foi financiada pela FCT e recebeu uma Menção Honrosa no Prémio Fundação Mário Soares-EDP (2021). É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Espanhol e Português, 2013) pela Università degli Studi de Turim, Itália. É mestre em Línguas e Literaturas Modernas pela mesma faculdade, com uma tese sobre Pepetela e a literatura angolana (2015).

coleções², e estando formalmente registada como livraria-distribuidora, chegou a ter uma ampla difusão e uma rede de distribuição no continente africano (em Angola, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe), mas também no Brasil e em Portugal.

A Coleção Imbondeiro, que contou com 68 volumes entre prosa e poesia, teve o mérito de publicar, já em plena Guerra de Libertação Angolana e sob a vigilância apertada da polícia política, a obra de intelectuais do calibre de Agostinho Neto (que veio a ser o Primeiro Presidente da República Popular de Angola), Henrique Abranches, Costa Andrade, Mário António, Pepetela, Henrique Guerra, Tomás Vieira da Cruz, Alda Lara, Ovídio Martins, Alexandre Dáskalos, António Cardoso, Óscar Ribas, António Jacinto, etc. O projeto inspirou, igualmente, a Coleção Dragoeiro editada na Praia, já em Cabo Verde independente, e cuja orientação gráfica e editorial seguia explicitamente a da Imbondeiro.

A obra destes autores, na sua maioria de cunho anticolonial, era publicada em revistas angolanas como a *Cultura* e na imprensa periódica, com destaque para o “Artes e Letras” do jornal diário *ABC, Diário de Angola*, impresso em Luanda. Muitos impressos conseguiam, ainda, chegar a Portugal e serem publicados através da seção editorial da Casa dos Estudantes do Império. O peso da censura prévia e da repressão colonial, contudo, faziam com que essas iniciativas fossem perseguidas. A imprensa internacionalista e anticolonial publicava, ainda, poemas em tradução destes autores, mas o envolvimento de muitos deles na luta de libertação (a nível de luta armada ou, em alguns casos, a nível cultural e intelectual) potenciou a repressão. Outra coleção que, como veremos ao longo da entrevista, despertou as atenções da PIDE, foi a *Mákua*, uma coletânea de poesia em português ou em tradução portuguesa cujo nome fazia referência ao fruto do Imbondeiro.

Leonel Cosme e Garibaldino de Andrade, que idearam e guiaram o projeto da Imbondeiro, faziam parte do ambiente oposicionista. Contrários à perpetuação do regime colonial português em Angola e influenciados pelo contexto da literatura neorrealista (da qual, aliás, De Andrade foi um representante, com obras como *Sete espigas vazias*), os dois editores estavam, contudo, bem inseridos na sociedade colonial, facto que, aliás, permitiu a ampla circulação dos volumes.

² Coleção Imbondeiro (68 números no total), Livros de bolso Imbondeiro, Contos d’África, Novos Contos d’África, *Mákua* (coletânea de poesia em língua portuguesa ou traduzida para português), *Dendela* (coletânea de contos para crianças), Coleção Primavera (cadernos didáticos), Cadernos de Divulgação Didáctica, Imbondeiro Gigante e Círculo (contos) (Alfieri, 2020, 220).

O projeto da Imbondeiro não seria, provavelmente, o que hoje em dia definiríamos de projeto radical. A ideia de descolonização à qual o projeto enunciava não era, possivelmente, a de uma mudança radical das dinâmicas sociais e políticas. Ele inseria-se – pelo menos formalmente, e simplificando – numa ideia de Angola mais focada na autonomia do que na revolução. As escolhas editoriais, possivelmente no intuito de “acalmar” a perseguição da PIDE e piscando o olho a autores mais bem aceites por parte do regime, foram por vezes controversas. Isto resultou no facto de a literatura colonial também ter tido um discreto espaço na Colecção Imbondeiro. Isto refletia parcialmente, acredito, algumas visões políticas dos editores, pouco em linha com as dos Movimentos de Libertação. Para além dos propósitos declarados e da política editorial sabemos, tanto graças a fontes documentais da própria PIDE, como pelo testemunho de Cosme, que a Imbondeiro entretinha uma série de contactos clandestinos com os escritores pertencentes aos grupos independentistas.

Para além de publicar a obra de Agostinho Neto já depois das suas várias prisões, a correspondência entre De Andrade e Anastácio Filinto Correia e Silva, interceptada e transcritas pela PIDE demonstra, ainda, que a editora fazia esforços concretos, no sentido de obter e publicar material literário da autoria de António Cardoso, António Jacinto e Luandino Vieira quando estes se encontravam detidos no campo de concentração do Tarrafal. Garibaldino de Andrade faleceu em 1970. À luz destes elementos, e no sentido de complementar a consultação de fontes primárias (tanto arquivísticas como literárias), resolveu-se realizar a entrevista ao único editor na altura em vida, Leonel Cosme.

A entrevista a Cosme, realizada durante a elaboração da minha tese de Doutoramento, foi útil para esclarecer algumas questões relativas à visão que ele tinha da Imbondeiro em qualidade de editor, nomeadamente no que diz respeito a dúvidas acerca de uma possível aderência do projeto editorial a certo luso-tropicalismo esquerdista. O imaginário a que a Imbondeiro recorria nas suas comunicações e nos seus panfletos, de facto, parecia estar refletido em uma dúvida política editorial, caracterizada pela publicação de obras dificilmente conciliáveis. As informações mais preciosas que, considero, a entrevista trouxe têm, contudo, a ver com a própria história editorial da Imbondeiro, assim como em certa continuidade que houve entre várias edições.

Surgido no seio das elites brancas do Lubango, a direção do projeto contava inicialmente não só com a direção de De Andrade e Cosme, mas também com a de Maurício Soares e Carlos Sanches. Os últimos dois abandonaram o projeto muito cedo, aquando com a publicação do terceiro número da Colecção Imbondeiro. O capital inicial foi de 2000 escudos e, não obstante o seu enquadramento legal de livraria-distribuidora, funcionou desde o início como editora. Os fascículos eram concebidos na Gráfica da Huíla mas muitos deles, como esclarece Cosme na entrevista que segue, eram impressos

na sede do Jornal do Fundão, em Portugal. A tiragem da Coleção chegou rapidamente aos 1500 exemplares, gozando de muita notoriedade no Brasil, graças também à publicidade positiva que o jornalista João Alves das Neves fez à Imbondeiro na *Folha de São Paulo*³.

Continua, por várias razões, sendo complexo e metodologicamente desafiante reconstruir a história da Imbondeiro, cuja receção foi problemática ao longo dos anos' 60 e casou inúmeros debates, com destaque para os que foram publicados na *Mensagem* da CEI (1960 e 1962). Isto aconteceu por questões ligadas tanto ao contexto em que ela surgiu, como às – já mencionadas – escolhas editoriais controversas e, ainda, às posições políticas dos seus editores. A sua atividade editorial e circulações merecem, contudo, ser ulteriormente indagadas, tal como o papel que a censura e repressão policial tiveram na vida da editora. Isto porque, na sua complexidade, a história das Publicações Imbondeiro traz reflexões relevantes sobre as interações e conflitos que animaram o campo literário na década de '60, mostrando a permeação da propaganda lusotropicalista em setores esquerdistas e, ainda, fraturas no ambiente cultural e literário oposicionistas e independentista.

Neste sentido, as pistas dadas pela professora Ana Paula Tavares antes, e pelo professor Pires Laranjeira depois, foram fundamentais. A entrevista a Leonel Cosme foi realizada por e-mail em 2019, depois de alguns contactos telefónicos com o editor, que na altura residia em Gondomar, no norte de Portugal. Leonel Cosme estava, na altura, já muito doente, tendo vindo a falecer em 15 de Janeiro de 2021, poucos meses depois de ter revisto a entrevista que segue e que foi, por razões de fidelidade metodológica, transcrita na sua versão aprovada pelo autor.

Entrevista⁴

Noemi Alfieri: O projeto literário da Imbondeiro surgiu em Sá da Bandeira (atual Lubango) em 1960, continuando ativo até 1964, ano em que a repressão da PIDE impediu a sua continuação. Antes da

³ João Alves das Neves colaborou, durante muitos anos e sob o pseudónimo de Mário Fragoso, com o «Artes e Letras» do *ABC, Diário de Angola*. Escrevia principalmente textos de assunto literário, relacionados com o surgimento das “novas letras africanas em língua portuguesa”, com o luso-tropicalismo, e com as relações editoriais entre Brasil e Portugal.

⁴ Realizada por e-mail. Resposta obtidas entre 17 e 19 de dezembro de 2019 e revistas pelo autor em novembro de 2020.

Imbondeiro, o senhor Cosme e Garibaldino de Andrade publicaram obras em nome individual que foram impressas na Gráfica da Huíla, o lugar físico em que também foram impressos os volumes da editora, de facto legalmente registada como livraria-distribuidora. Estou a pensar, por exemplo, na obra da sua autoria: *Quando a tormenta passar – contos angolanos*, de 1959. Como nasceu o projeto editorial?

Leonel Cosme: Antes da Imbondeiro eu publiquei na ORION de Lisboa o meu dito romance, que é apenas uma novela, *Um homem na rua*, em 1958/9, por empenho pessoal do Garibaldino, que conhecia o editor, e na qual também ele já tinha publicado. No mesmo ano publico por conta própria o livro de contos *Quando a tormenta passar*, impresso na Gráfica da Huíla, e pago com o dinheiro dos prémios que mereceram a maior parte dos contos nele incluídos. Prémio de concursos literários em Sá da Bandeira, Moçâmedes, Nova Lisboa, Lobito, etc. Isto em 1958/59, anos em que me relacionei com o Garibaldino, no Rádio Clube, onde ingressei em 1957, terminado o serviço militar.

N. Alfieri: Numa primeira fase, o projeto contava consigo, com Garibaldino de Andrade, Maurício Soares e Carlos Sanches. Depois da publicação do número três, os últimos dois abandonaram o projeto. Soares e Sanches foram, conforme o indicado por Lopes Furtado na sua tese de mestrado, escolhidos por si para participar na organização, sendo o primeiro o “correspondente local de A província de Angola e O Comércio de Luanda” e o segundo “um homem da rádio escolhido pela sua qualidade de divulgador” e por ter conhecidos no Rádio Clube e na Delegação da Sociedade Cultural de Angola⁵. Sempre na opinião de Furtado, Soares ter-se-ia afastado sem dar explicações, mas por receio da conotação subversiva das obras publicadas. Também Carlos Sanches, que chegou a publicar o conto *As Calças* no número 3 da Coleção Imbondeiro, teria declarado não conseguir gerir o trabalho na editora e na emissora local. Confirma? Como viveram estas desistências?

L. Cosme: A saída de Maurício e Sanches, que contribuíram para o capital inicial da Imbondeiro (1.080 escudos!...) não causou nenhum problema. O Garibaldino tratava da correspondência, nas suas horas vagas de professor, e eu do resto: assinaturas, distribuição, expedição, pagamentos, etc., tendo um auxiliar (negro) a funcionar num gabinete ao lado do meu, no Rádio Clube. Por mais fácil acesso, as relações publicas eram exercidas por mim. Porque era livre a toda a hora, no meu trabalho no Rádio

⁵ João Carlos Mourato Lopes Furtado. *Angolanidade a autonomia na cultura do Sudoeste de Angola. Memória de Imbondeiro*, Coimbra: Dissertação de Mestrado, orient. Pires Laranjeira: 2005.

Clube, e o Garibaldino fugia a contactos por ser muito surdo e dar aulas numa escola dos arredores da cidade, todos os contactos (até policiais!) começavam por mim...

N. Alfieri: Garibaldino de Andrade, professor primário, nascera vinte anos antes de si. Qual era a vossa relação em vista da diferença de idade? Quais os vossos papéis na gestão da editora? Como descreveria a personagem de Garibaldino?

L. Cosme: A minha relação com o Garibaldino começou quando ele, professor primário, se transferiu da escola da povoação da Palanca, nos arredores de Sá da Bandeira, para uma escola da cidade. O Rádio Clube, em cujas instalações também funcionava a delegação da Sociedade Cultural de Angola, o Cine Clube, o Círculo de Cultura Musical e outras agremiações, era um ponto de encontro de quem tinha preocupações culturais e que uma Direcção democrática (reconhecidamente não afeta ao regime vigente em Portugal) incentivava...

N. Alfieri: Os primeiros dois volumes da Colecção Imbondeiro, a série que mais difusão teve fora e dentro de Angola, são da autoria de Garibaldino de Andrade (*O Tesouro*) e sua (*Graciano*). São os autores que se convertem em editores, ou são os editores que concebem o seu projeto editorial e nele inserem a sua obra? Qual o significado, simbólico, da inclusão de obras de vossa autoria no projeto editorial?

L. Cosme: Os primeiros cadernos da *Colecção* foram escritos de propósito pelos fundadores para começar a empreitada...

N. Alfieri: – O *I Encontro de Escritores de Angola*, que teve lugar em Sá da Bandeira em 1963 por coorganização da Imbondeiro e do *ABC, Diário de Angola*, despertou desde logo a atenção da PIDE. No processo a cargo da Imbondeiro que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, os informadores destacavam sobretudo as suas declarações e as de Mário António quanto à existência de uma literatura angolana com características próprias e distintas das da literatura portuguesa. O debate sobre angolanidade (como sobre cabo-verdianidade e moçambicanidade) era, nesta altura, já aceso. Acha que foram as possíveis repercussões nacionais e internacionais do *Encontro* que levaram à aniquilação do projeto?

L. Cosme: A ideia do *I Encontro de Escritores de Angola* foi um sucesso, menos para os "ausentes" que se excluíram, mas, não foram excluídos. É só ver a "mistura" ideopolítica dos participantes, incluindo os que vieram da Metrópole. A PIDE vigiou... mas, ninguém foi preso, desta vez. O *Encontro de Escritores* foi promovido pelos Serviços Culturais da Câmara Municipal, sendo seu Presidente o Major José Ramos Camisão e diretor daquele departamento de informação e cultura o

prof. Albino Fernandes de Sá, que também era um colaborador da Imbondeiro. Esta deu a sua colaboração, mas toda a organização e despesas foram da Câmara Municipal, incluindo as "garantias" dadas à PIDE de que o Encontro não seria um balão subversivo... Eu próprio assisti a um telefonema do diretor da PIDE, em Luanda, para o Presidente da Câmara Municipal, em que este garantiu, irritado, que a sua Câmara não seria plataforma política de ninguém!

N. Alfieri: – Quais eram os contactos da Imbondeiro com o *ABC, Diário de Angola*? Em conversa telefónica⁶, afirmou que estes eram garantidos principalmente por Acácio Barradas, que tinha um papel de relevo neste jornal. Havia outros contactos no jornal? Acha que podemos falar na existência, naquele contexto, de uma ponte cultural entre Sá da Bandeira e Luanda?

L. Cosme: Acácio Barradas foi um dos que sugeriu a realização desse Encontro, em artigo do *ABC*. Na altura estava em Sá da Bandeira. Ele viu que nesta cidade académica, que inspirou um poema a Viriato da Cruz, quando ali foi funcionários do Liceu, a Cultura e a Literatura faziam uma "ponte" com a capital - sendo algumas vezes Sá da Bandeira a mais falada. Por exemplo, foi nesta cidade que se gerou o Movimento Pró-Universidade de Angola e o pianista Sequeira Costa realizou pela primeira vez em Portugal um Festival Internacional de Música, com artistas de diversos países.

N. Alfieri – Alguns dos autores publicados pela Imbondeiro não se encontravam em Angola na altura da publicação. Estou a pensar, por exemplo, em Agostinho Neto ou em Artur Pestana (Pepetela). Este último afirmou que, no seu caso, talvez Carlos Ervedosa tenha sido a pessoa que se ocupou da circulação material dos textos⁷. Para além deste caso específico, como acontecia a circulação de textos?

(Leonel Cosme responderá conjuntamente com a pergunta seguinte)

N. Alfieri: Ainda relativamente à circulação de textos, estou a pensar numa cartas trocadas entre Garibaldi de Andrade e António Cardoso em dezembro de 1964 e contidas no processo da PIDE. Numa das cartas, tratava-se da publicação de poemas destes, de António Jacinto e de Luandino Vieira,

⁶ Antes da realização da entrevista por e-mail, e graças à intercessão generosa do professor Pires Laranjeira, que muito agradeço, houve alguns contactos telefónicos entre o editor e eu. Nestes Leonel Cosme, já em estado bastante avançado de doença (e, portanto, sem condições de realizar um encontro presencial em Gondomar, onde o autor residia) contou de forma livre as vicissitudes da editora, dando algumas informações valiosas, mas demonstrando, ao mesmo tempo, algumas falhas de memória, que são de resto perceptíveis ao longo desta entrevista.

⁷ A informação foi-me dada pelo próprio Pepetela, sempre em troca de informações por e-mail (Outubro de 2019). O escritor angolano afirmou, ainda, ter-se cruzado com o editor da Imbondeiro em Luanda, um par de vezes, sem, porém, ter entretido conversas com ele.

numa altura em que os três se encontravam ainda em Chão Bom, no Tarrafal. Lembra-se de como conseguiam estes textos?

L. Cosme: Como era o Garibaldino que se encarregava dos contactos, certezas tenho duas: a antologia dos poetas angolanos foi organizada por Mário António, a nosso pedido; os contactos sobre Luandino Vieira (já preso) foram tomados com a então sua esposa, Linda (Deolinda) Graça, que trabalhava em Luanda, como alta funcionária bancária, e que eu conheci pessoalmente.

N. Alfieri: – Nas cartas de Garibaldino, menciona-se a abertura da Livraria Mirabilis, em Moçâmedes, gerida por Orlando de Albuquerque e outra pessoa cujo nome não foi mencionado.

L. Cosme: A livraria Mirabilis, em Moçâmedes, foi constituída como sociedade por quotas entre a Livraria Imbondeiro, de Sá da Bandeira (Lubango) e o moçamedense Emílio Van der Kellen, que era o seu gerente, Orlando de Albuquerque, conhecido do Garibaldino de Andrade e que era médico no Lobito, substituiu-me como sócio da Livraria Imbondeiro quando eu desisti de continuar depois do assalto da PIDE à tipografia Gráfica da Huila e às instalações da Livraria Imbondeiro, onde apreendeu tudo quanto era correspondências no escritório e alguns exemplares da *MÁKUA* 4/5 (pois a maior parte já tinha sido despachada)...

N. Alfieri: Tive a oportunidade de consultar alguns números da Colecção Primavera, que era gerida por Garibaldino de Andrade e António Henriques Carneiro e que, apesar de não o indicar diretamente na contracapa, era publicitada como sendo uma das edições da Imbondeiro. De que forma é que este projeto didático, cujos conteúdos estavam necessariamente vinculados com a propaganda oficial, se encaixava (ou não se encaixava) no vosso projeto, marcado por reivindicações autonomistas ou independentistas?

L. Cosme: A *Colecção Primavera* apenas estava ligada editorialmente à Imbondeiro, pois era autónoma, na sua elaboração, pelos professores, residentes em Sá da Bandeira, Garibaldino e Carneiro, ambos defensores da Escola Moderna, que ainda não se praticava em Portugal, mas já, por alguns professores, em Angola. Se não me engano, a distribuidora destes cadernos em Portugal era a Porto Editora, com a qual o professor Henriques Carneiro (depois Inspetor no Ultramar) teve relações próximas, pois vivia no Porto.

N. Alfieri: Tenho muitas duvidas relativamente ao papel da tipografia do Jornal do Fundão. Os volumes da *Colecção* eram impressos na Gráfica da Huila, mas será que depois do selo de povoamento alguns passaram a ser impressos em Portugal? Reparei que o seu preço era inferior em Portugal do que em Angola...

L. Cosme: A tipografia do Jornal do Fundão imprimiu apenas os livros custeados pelos autores, e pagos em Portugal. A Imbondeiro só dava o nome de editor, que legalmente não era, pois apenas tinha licença de livraria-distribuidora... Eu fui interrogado duas vezes pela PIDE sobre a legalidade da mesma. Inicialmente, só o meu nome constava, porque o Garibaldino, sendo professor primário, não podia praticar atos de comércio.

N. Alfieri: – Qual era, na sua opinião, o clima cultural e intelectual em Angola nos anos '60? Quais as ligações dos escritores e intelectuais com os intelectuais africanos que circulavam ou estudavam em Portugal?

(Leonel Cosme responderá conjuntamente com a pergunta número 12)

N. Alfieri: – Muitas eram as suas atividades em Sá da Bandeira: escritor, editor, animava também o Cineclube da Huíla e a Rádio da Huíla. Teve um papel também no movimento para a instituição do ensino universitário em Angola?

L. Cosme: Seguramente. O Movimento pró-Universidade em Angola partiu do Rádio Clube da Huíla, por meu intermédio e de Carlos Sanches, pelos nossos escritos. Em 1958, durante a campanha presidencial, a minha participação centrou-se numa sessão pública no Cineteatro, em que discurssei sobre o tema. Humberto Delgado ganhou as eleições em Sá da Bandeira...

N. Alfieri: – De que maneira, naqueles anos, a literatura e o contexto de resistência anticolonial que a ela estava indissolúvelmente ligado despertaram, ou reforçaram, a sua consciência de pertença racial⁸, que me parece ser patente na sua obra? Acha que antes desta altura já era frequente as pessoas questionarem a sua identidade a partir da cor da sua pele? E em que medida os debates literários entorno da justiça social, da pertença nacional, do anticolonialismo contribuíram para a formação da sua identidade, ou de forma mais geral da identidade da sua geração?

L. Cosme: Para os que se contentavam com as benesses do regime colonial vigente, mesmo as aspirações de uma relativa autonomia económica e cultural não excediam os limites tolerados pela Metrópole. Para aqueles que consideravam que só a independência política das colónias conduziria a uma autodeterminação total e completa, a sua "missão" consistia em fazer oposição ao Governo de todas as maneiras possíveis num regime policiado e de censura prévia na rádio e imprensa. Era este

⁸ A pergunta foi transcrita exatamente da mesma forma em que foi formulada para o autor, em 2019, por uma questão de fidelidade metodológica. Algumas das expressões aqui utilizadas, contudo, são inexatas e pouco precisas, podendo induzir em erro quanto à sua interpretação. A pergunta visava contextualizar a posição do autor na sociedade colonial e levar a uma reflexão sobre posições de privilégio branco e sua consciência sobre ela, sem influenciar a resposta do editor.

o sentimento dos poucos que ainda conseguiam estudar nas universidades da Metrópole, designadamente através da Casa dos Estudantes do Império (CEI). É claro que ainda eram poucos os brancos e menos ainda os negros. A situação só mudou quando se instituíram as universidades nas colónias.

N. Alfieri: – Numa conversa telefónica que tivemos, o senhor Cosme definiu Mákua como uma “Colecção menor”, tendo como referência – suponho eu – a Colecção Imbondeiro. No processo da PIDE, contudo, os volumes de Mákua são os únicos que constam, sendo em alguns casos as cópias físicas (ou as suas fotocópias) incluídas no ficheiro. Acha que foi por causa dos autores estrangeiros que vocês publicavam, e que provinham de países pertencentes ao bloco comunista?

L. Cosme: Mákua (fruto do imbondeiro), que no norte de Angola se diz Múkua, só foi "menor" pela tiragem, é claro. E porque não estava incluída na assinatura (preço) da Colecção Imbondeiro, só podendo ser adquirida em separado. Enquanto a *Mákua* se comprava nas livrarias, a Colecção Imbondeiro só existia 'para os assinantes, que foram mais de dois mil...

N. Alfieri: – Em cerca de cinco anos, a Colecção Imbondeiro conseguiu atingir uma difusão notável: a tiragem chegou às 2600 cópias, com uma ampla rede de distribuição que contemplava muitas zonas: Luanda, Sá da Bandeira e Moçâmedes (Angola) Lisboa, Beija, Porto, Amarante (Portugal Continental), Ponta Delgada (Açores), São Tome, São Paulo e Rio de Janeiro (Brasil), Cabo Verde. Para além disso, foi sugerida a distribuição através das Embaixadas da Hungria, da Roménia, etc. Como se estabeleciam as conexões com os Delegados? Não acha que, para a altura, estes números constituíam um grande êxito?

L. Cosme: Os delegados da Imbondeiro foram surgindo por oferecimento de colaboração em toda a parte onde chegava! O sucesso quanto a empatia foi inextinguível. Hoje, quase ninguém fala disso... sobretudo, aqueles futuros autores que na época ainda não existiam ou não foram contactados.

N. Alfieri: – Ao consultar alguns fascículos das Notícias de Imbondeiro, fica evidente que este boletim, que acompanhava os volumes da Colecção, era utilizado tanto para dar informações aos assinantes, como para divulgar ulteriormente poesia. Tratava-se de poesia que, por alguma razão, não tinha espaço nos volumes comercializados? Ou como a escolhiam?

L. Cosme: O boletim *NOTÍCIAS DE IMBONDEIRO* foi criado para "conversar" com os leitores, publicar os trabalhos que as Coleções já não comportavam e tornar-se num verdadeiro jornal. O que não foi superiormente autorizado.

N. Alfieri: – Juntamente com as Notícias de Imbondeiro, eram frequentemente divulgados fascículos turísticos sobre a região da Huíla. Tratava-se de publicidade retribuída, de divulgação cultural, ou de ambas?

L. Cosme: Não me lembro disso. Mas não era um serviço pago, seguramente.

N. Alfieri: – A última página do último número da Cultura (o décimo-segundo), de dezembro de 1959, é dedicada à Imbondeiro...

L. Cosme: A referência da revista CULTURA à Imbondeiro, como viu, é feita por Antero de Abreu, contemporâneo de Agostinho Neto na Universidade de Coimbra, e que também, como poeta, foi incluído nas publicações da Imbondeiro.

N. Alfieri: – Já sem a sua colaboração, Garibaldino de Andrade publicou alguns números da Círculo. Qual o seu testemunho sobre esta última experiência, em que não esteve diretamente envolvido?

L. Cosme: A Colecção Círculo apareceu depois de extinta (pela PIDE) a Colecção Imbondeiro, sendo já meu substituto na Imbondeiro, o Dr. Orlando de Albuquerque. O Garibaldino ainda acreditou que a Colecção Círculo, dirigida por ele o Orlando, poderia vingar... Ao sair o terceiro número (se não me engano) com o meu conto "Os mortos inúteis", a PIDE fez na tipografia do Jornal da Huila o que tinha feito na Gráfica da Huila à Imbondeiro...Muito mais tarde, no Lobito, o Orlando de Albuquerque (conterrâneo de Agostinho Neto em Coimbra) lançou, com sucesso literário, a *Colecção Capricórnio* - que durou até ele fugir de Angola, em 1975, para se radicar, como médico, em Braga (Portugal), onde morreu há alguns anos.

Referências:

AAVV. *1º Encontro de Escritores de Angola*. Sá da Bandeira: Imbondeiro e Serviços Culturais da Câmara de Sá da Bandeira, 1963.

Alfieri, Noemi. *(Re) Construir a identidade através do conflito. Uma abordagem às Literaturas Africanas em Língua Portuguesa (1961-74)*. Lisboa: FCSH, Tese de Doutoramento, novembro de 2020. <http://hdl.handle.net/10362/116288>

ANTT/ PIDE/ DGS SC CI (2) PROC. 4134 NT 7323, Imbondeiro.

FURTADO, João Carlos Mourato Lopes. *Angolanidade a autonomia na cultura do Sudoeste de Angola. Memória de Imbondeiro*, Coimbra: Dissertação de Mestrado, orient. Pires Laranjeira: 2005.

